

A convergência de Gustavo Franco

Ensaaios do ex-presidente do Bc revelam que suas polêmicas estão virando consensos

POR LEONARDO ATTUCH

O economista carioca **Gustavo Franco**, ex-presidente do Banco Central, é um polemista nato, daqueles que dão um boi para entrar numa discussão e uma boiada para não sair. É um sujeito tão treinado nesses embates retóricos que um de seus amigos, o jornalista Guilherme Fiúza, encontrou a imagem perfeita para defini-lo. Gustavo, diz Fiúza, não apenas veste a camisa dos seus ideais como a deixa empapada de suor e barro na peleja com seus antagonistas. Ele é do tipo que entra em divididas, dá carrinho, xinga o juiz e, volta e meia, leva um cartão vermelho.

Por isso, causa certa estranheza o título do novo trabalho desse *enfant terrible* da economia nacional. É o livro *Crônicas da convergência* – ensaios sobre temas já não tão polêmicos (Topbooks, 598 páginas, R\$ 59), que reúne 189 artigos publicados nos últimos seis anos – muitos deles atualizados. Essa estranheza, porém, logo se dissipa. Da leitura dos artigos, emerge um Gustavo que dissecava com uma clareza desconcertante todo tipo de assunto – o livro tem 30 blocos temáticos – e, por isso, é capaz de convencer o leitor. Lidas com o distanciamento do tempo e sem o impacto das emoções que Gustavo despertou ao exercer o poder, as suas antigas polêmicas já não assustam. Parecem até tomar a forma de consensos – daí o título.



Essa mutação não teria ocorrido de forma tão rápida se o presidente Lula não desse sua contribuição, ao abraçar a política econômica da era FHC. Por isso, Gustavo afirma que, no governo atual, “o que deu certo foi o que não mudou”. Ainda assim, ele critica a falta de convicção do PT, que apenas “finge acreditar” no que faz. O mercado, diz ele, prefere sempre um uísque escocês. Imagens simples como essa, e com uma boa dose de ironia, são um dos méritos do livro. Gustavo sabe polemizar, sabe

argumentar e também sabe escrever como poucos. Numa de suas metáforas, sobre experiências econômicas, ele diz que o Brasil já fez um “kama sutra” cambial – ou seja, testou todas as posições possíveis. Numa outra imagem, divide o governo Lula em duas metades: Dr. Jeckill (a do bom senso econômico) e Mr. Hyde (a do impulso autoritário fundado numa superioridade moral autoconferida e já desmoralizada). Para sorte do País, diz Gustavo, a primeira metade prevaleceu sobre a segunda.

Como não poderia deixar de ser, a vitória sobre a hiperinflação – de 20 trilhões por cento entre 1980 e 1995 – ocupa boa parte do livro. E das crônicas salta uma discussão de fundo sobre o passado e o futuro. No



Gustavo Franco: estilo mordaz na defeza de suas idéias e no ataque ao modelo nacional-desenvolvimentista.

COMENTE ESTA REPORTAGEM

retrovisor de Gustavo, está a imagem do modelo nacional-desenvolvimentista, que fez o Brasil crescer, mas também plantou as sementes da inflação. No horizonte, o sonho de uma economia aberta e assumidamente capitalista. É nesse confronto ideológico que ele comete algumas injustiças. Uma delas, a de definir o ex-ministro Delfim Netto como "porta-bandeira honorário do Parque Jurássico" e "decano da feitiçaria nacional". Afinal, o Delfim "pau na máquina" dos anos 70 já não é o mesmo Delfim que hoje propõe o déficit nominal zero para a economia. E, no fundo, lá bem no fundo da sua alma, percebe-se que Gustavo tem até uma certa vocação para se transformar num Delfim. Se não pelas ideias, ao menos pelo estilo ferino, preciso e mordaz. □